



Encontro  
da Rede **10**<sup>o</sup>  
de Estudos Rurais

**“Terra, Fome e Poder:  
Desafios para o rural contemporâneo”.**

27 a 31 de Agosto de 2023, UFSCar, São Carlos – SP

## **“NÓS TRABALHAMOS DOBRADO”: DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E RESISTÊNCIA DAS MULHERES NO CAMPO**

Andréa Maria Leite Albuquerque<sup>1</sup>

**GT 4:** Re-existências e emergências: as práticas solidárias e transformadoras das mulheres do campo, das florestas, e das águas num mundo de crises.

### **RESUMO**

Este trabalho revisita pesquisa de mestrado que investigou a resistência das mulheres em coletivos autônomos contra o patriarcado no Alto Sertão alagoano. De abordagem materialista histórica e decolonial, o estudo combinou métodos qualitativos, como pesquisa bibliográfica, trabalho de campo, observação participante, diário de campo e entrevistas. Dentre os achados, observou-se a existência de uma rígida divisão sexual do trabalho no campo, impondo uma tripla jornada às mulheres rurais, agravada durante a pandemia de COVID-19. No entanto, também identificou-se a busca de transformação nas relações familiares por meio da resistência dessas mulheres. Este artigo oferece uma visão dos objetivos, métodos e conclusões deste recorte da pesquisa, enfatizando a divisão sexual do trabalho na região e as estratégias adotadas pelos coletivos para oferecer resistência. A análise dos resultados contribui para uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e para a promoção da equidade de gênero no contexto rural.

Palavras-chave: mulheres do campo; divisão sexual do trabalho; resistência; ruralidades; Sertão de Alagoas.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do ABC (UFABC), [andrea.albuquerque@ufabc.edu.br](mailto:andrea.albuquerque@ufabc.edu.br). Pesquisadora bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

## INTRODUÇÃO

Este artigo é um recorte da pesquisa de mestrado<sup>2</sup>, de 2021 a 2022, que analisou a organização de mulheres rurais em coletivos autônomos como forma de resistência às manifestações do patriarcado em suas comunidades. Com o objetivo de avançar no debate acerca da amplamente conhecida e definida divisão sexual do trabalho, buscamos demonstrar empiricamente que essa realidade pode ser modificada por meio da organização coletiva e da resistência das mulheres rurais.

Partindo de uma abordagem materialista histórica e decolonial, empregamos técnicas de pesquisa bibliográfica, documental e de campo para compreender a constituição histórica das relações relacionadas ao fenômeno em análise. O campo empírico foi conduzido em Primavera<sup>3</sup>, comunidade rural do Alto Sertão de Alagoas, onde acompanhamos os coletivos de mulheres, suas líderes e suas participantes. O objetivo foi examinar as formas de violência vivenciadas por essas mulheres, investigar as políticas públicas direcionadas ao combate à violência no campo e analisar a dinâmica da organização coletiva dessas mulheres (ALBUQUERQUE, 2023).

Primavera está localizada na zona rural de Sertãozinho, um município no Alto Sertão de Alagoas. Na comunidade de Primavera residem 39 mulheres. Durante a pesquisa, realizamos entrevistas com 10 dessas mulheres, com idades variando entre 29 e 66 anos, sendo que algumas foram entrevistadas mais de uma vez. Além disso, realizamos um grupo focal com a participação de 23 mulheres. Toda essa inserção em campo foi possível graças ao apoio e à confiança de Jitirana, líder comunitária de Primavera.

Após a transcrição das entrevistas, foi aplicada a técnica de Análise de Narrativa (MUYLAERT, 2014). Em seguida, os dados foram submetidos a uma etapa de codificação e categorização, a fim de identificar padrões e relações entre os dados. Após essa categorização, os dados foram

<sup>2</sup> Conduzida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). O estudo, intitulado "'Medindo forças na enxada, no machado, na foice': patriarcado e resistência das mulheres rurais organizadas à violência no Alto Sertão alagoano" foi financiado pela CAPES e FAPEAL.

<sup>3</sup> Por razões de segurança e para preservar a privacidade das participantes, todos os nomes de locais e pessoas foram substituídos por nomes de flores.

tematizados, permitindo uma transição do nível concreto para o abstrato (SALDAÑA, 2011; SALDAÑA; OMASTA, 2018).

Neste artigo, apresentaremos uma parte selecionada do material coletado durante a pesquisa, com o objetivo de analisar a questão geral investigada. Para isso, abordaremos a questão da divisão sexual do trabalho no campo, focando especificamente na comunidade de Primavera. Além disso, investigaremos o impacto da pandemia de COVID-19 nessa questão e exploraremos as formas pelas quais as mulheres, ao se organizarem coletivamente, resistem e buscam transformar suas relações familiares.

## **MULHERES DO CAMPO, DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E RESISTÊNCIA**

Lélia Gonzalez (2020) enfatiza que as mulheres amefricanas e ameríndias enfrentam uma opressão e exploração agravadas pelo capitalismo patriarcal e racista devido “duplo caráter de sua condição biológica” (p. 132), que abrange tanto a dimensão racial quanto a sexual. Essas mulheres começaram a se organizar coletivamente, engajando-se ativamente nos movimentos sociais populares, incluindo movimentos de mulheres, com o objetivo de assegurar a sobrevivência familiar e enfrentar as crises. A mesma necessidade impulsionou a criação de um coletivo de mulheres em Primavera. Essas mulheres, descendentes de negras e indígenas, perceberam que eram atravessadas por formas marcantes de racismo, classismo, colonialismo e patriarcado presentes na região do Sertão nordestino. Assim, passaram a realizar reuniões na igreja comunitária, sem a presença de seus maridos e, frequentemente, acompanhadas por seus filhos.

É sabido que a colaboração entre as mulheres rurais e o feminismo urbano expandiu o campo de militância. Além de se envolverem ativamente nos movimentos sociais rurais, as mulheres passaram a se organizar coletivamente, estimulando a discussão sobre seus direitos, analisando as opressões que enfrentam com base no sexo, fortalecendo seu empoderamento coletivo e reivindicando seu espaço nos âmbitos

políticos (AGUIAR, 2016; ESMERALDO, 2013).

Jitirana também passou por esse processo, iniciando a organização de coletivos de mulheres nas comunidades do Sertão. A formação desses coletivos como meio de disseminar conhecimento e lutar por direitos tem se mostrado um importante instrumento de resistência no contexto sertanejo.

No entanto, Saffioti e Ferrante (1987, p. 105) ressaltam que “a dupla jornada de trabalho da mulher, assim como a ideologia dominante que procura afastá-la das atividades políticas, contribuem sobremaneira para diluir sua presença no campo dos antagonismos e das reivindicações”. Durante as entrevistas e diálogos com as mulheres rurais, constatamos que uma das barreiras à participação nas reuniões dos coletivos é o trabalho doméstico:

Então... Aí eu não fui não mais não. Na última vez agora eu tinha ido pra rua. Aí eu cheguei com a cabeça doendo. Tava tudo por fazer. A casa tava uma bagunça tão da boba. Que já não é essas coisas e tava pior. Porque, você sabe, por conta de homem, né. Só fazem bagunça. A pia tava fazendo corcunda de louça suja. Aí eu não fui. Até as meninas veio aqui “tu não vai não pra reunião”. Digo “minha fia, olhe a situação que tá a casa e eu aqui estourando de dor de cabeça e sem condições de fazer nada”. Aí Maria “você me faltou na reunião de novo!”. [risos] (Alpina, 07/12/2021).

De acordo com Kergoat (2002, p. 49), as “relações sociais se fundamentam primeiro e antes de mais nada sobre uma relação hierárquica entre os sexos; trata-se mesmo de uma relação de poder, de uma relação de ‘classe’”. Silva (2012) afirma que o destino das mulheres é determinado dentro das estruturas familiares. Elas são consideradas responsáveis naturais pela reprodução biológica e, portanto, também são atribuídas com a obrigação do trabalho doméstico, pois esses dois papéis foram naturalizados como tarefas a serem desempenhadas por elas.

A divisão sexual do trabalho, portanto, designa às mulheres as atividades consideradas reprodutivas e de menor valor social, enquanto os homens assumem funções com maior valor social, denominadas produtivas. Nesse sentido, existem dois princípios que regem essa divisão: a separação e a hierarquia. O princípio da separação estabelece uma distinção entre as atividades desempenhadas por homens e mulheres,

enquanto o princípio hierárquico estipula que as atividades realizadas pelos homens possuem um valor social maior do que aquelas consideradas femininas (KERGOAT, 2002).

Herrera (2016, p. 208) afirma que “a situação de desigualdade de gênero no meio rural está relacionada com a naturalização do papel do homem e da mulher, que está vinculada à relação hierárquica dentro das famílias rurais, cuja base material se ancora na divisão sexual do trabalho”. São as mulheres que predominantemente realizam os trabalhos domésticos e de cuidado, que beneficiam todos os membros da família, desde crianças e pessoas com deficiência até os homens adultos, incluindo os maridos (FUNARI, 2020; HERRERA, 2016).

Quando questionadas sobre sua rotina diária, tanto Alpina quanto Papoula descreveram atividades semelhantes. No entanto, Papoula, além das responsabilidades domésticas em sua própria casa, também é encarregada das tarefas na casa de sua mãe, que reside nas proximidades:

Eu mesma, eu gosto de tá na minha luta, assim, de casa. Ói, veja, fiz nada dentro de casa... Do lado de fora. Porque eu sei que quando entrar dentro de casa o sol tá frio e aí eu vou cuidar na sombra, né. Enquanto dá pra mim aguentar por fora, eu tô no lado de fora cuidando. Ali é afofando uma planta que eu vejo que tá já muito apilado, é pondo um estrumozinho, é aguando, é queimo um lixo, não paro. Aí, quando eu entro pra dentro de casa, é que eu vou cuidar tudo. De tudo sozinha. O ômi danou-se no mundo, o menino foi pra escola. A minha luta é essa. (Alpina, 07/12/2021).

Andréa: E como é o seu dia a dia. Assim, você cuida da roça, cuida da casa?

Papoula: É. Quando tem, né. Quando não tem roça, é só assim... Cuido da casa, ajeito os meninos, dou comida a um bichinho, a outro. É assim. Quando terminar aqui vou ajeitar a da minha mãe ali em cima, que ela é sozinha também. Aí a gente tem que ajudar também. É assim. É muito difícil, mas a gente vence, né. (Papoula, 08/12/2021).

Além disso, as mulheres rurais enfrentam uma especificidade que envolve a sobreposição do trabalho doméstico e de cuidado com o trabalho considerado produtivo. Ao longo do dia, muitas vezes começando antes do amanhecer, essas mulheres desempenham uma série de tarefas, equilibrando as responsabilidades reprodutivas e produtivas. Elas cuidam da casa, da família e da comunidade, ao mesmo tempo em que executam tarefas relacionadas à propriedade e às atividades produtivas, embora

essas últimas sejam frequentemente consideradas apenas uma "ajuda" aos maridos (FUNARI, 2020; SCOTT; RODRIGUES; SARAIVA, 2010).

Conforme Scott, Rodrigues e Saraiva (2010, p. 70), “o trabalho das mulheres rurais [...] ocorre numa jornada contínua que vai do amanhecer ao anoitecer, resultando na confusão entre as atividades domésticas e produtivas”. Apoiando essa perspectiva, Margarida e Jitirana reforçam que:

A mulher, ela não tem hora pra dormir, né. Ela tem hora pra acordar, agora pra dormir ela não tem. E a mulher do campo, ela tem uma tripla jornada de trabalho porque ela acorda de manhã pra ajeitar o café pra o marido, o marido vai pra roça antes dela, aí ela cuida das coisas, cuida de uma parte das coisas, depois vai pra roça, toma conta do marido, depois volta... Ajudar o marido, depois ela volta, vai cuidar do seu café, da janta... do almoço dos seus filhos, pra mandar os seus filhos pra escola. Quando não é de manhã, aí ela tem que ficar de manhã pra levar os filhos pra escola. Aí, quando é na hora do almoço, ela tem que voltar, ajeitar o filho, ajeitar o almoço pro marido... Então a mulher... Ela de manhã, ela vai pra roça trabalhar, ela ajuda na produção ali, a plantar, ela ajuda a colher e ela ainda vai pra feira. (Margarida, 13/05/2021).

Nós trabalhamos dobrado, viu. Nós trabalhamos... Ele dá uma roçadinha na roça e vai trabalhar pro patrão, só na roça. Só aqui gestando o feijão. E a gente em casa limpa a casa, certo, cuida de comida, pra ele quando chegar, se não tiver ele vai achar ruim. Cuida da roupa dele, cuida dos filhos dele e ainda tem que cuidar dele à noite. Mesmo cansada ou não. [...] E, quando não quer, diz que é porque tem outro homem. (Jitirana, 11/10/2022).

Durante a pandemia de COVID-19, a situação se agravou, conforme apontado pela Comissão Interamericana de Mulheres (OEA, 2020) em seu estudo intitulado “COVID-19 na vida das mulheres: razões para reconhecer impactos diferenciais”. A crise gerada pela pandemia aprofundou as desigualdades de gênero, resultando em um aumento do trabalho das mulheres. O período de confinamento acentuou a crise de cuidados pré-existente, transformando as casas em espaços onde as mulheres se depararam com uma carga adicional de trabalho produtivo, doméstico, de cuidados e até mesmo de educação de crianças e adolescentes.

Essa perspectiva é compartilhada pelo relatório “Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil”, que ressalta que “a permanência maior de crianças dentro de casa, em função do fechamento das escolas, também contribuiu para o aumento da carga doméstica de

trabalho, uma tarefa socialmente imposta à mulher” (FBSP, 2021, p. 8).

Para ilustrar o aumento da sobrecarga de trabalhos domésticos e de cuidados durante a pandemia, Jitirana compartilhou conosco o exemplo de sua vizinha Papoula:

Bom, eu, meu caso, pra mim não dobrou. [...] E também sou sozinha, só moro com minha filha hoje, com minha neta, por conta da pandemia. E aí, eu não tenho, como você sabe, eu sou separada, então, não tenho problema de violência, nesse caso, de companheiro. [...] minha vizinha disse que o serviço dela dobrou, porque antes ela acordava, as crianças iam pra escola, ela tinha tempo até de, sei lá, se cuidar mais, de ajudar o marido talvez, e ela disse que agora não tem tempo pra nada, não tem paciência porque é todo mundo dentro de casa, o dia todo, vinte e quatro horas e um chama e um chama... Essa questão de atividade de escola. Então, ela disse que não tem tempo, dobrou e tá sem paciência e muita coisa... Ela relata que realmente ficou complicado. E tem medo, as aulas estão voltando, virtual, né. Mas tem que buscar o material na escola e agora tá tendo umas aulas de reforço com as turmas selecionadas, mas ela disse que é com muito medo, é muito trabalho por tá todo mundo em casa. (Jitirana, 27/05/2021).

O relato evidencia a emergência de uma nova responsabilidade assumida pelas mães durante a pandemia: a de desempenhar o papel de professoras para seus filhos. Além das tarefas domésticas relacionadas à manutenção da casa, do cultivo agrícola, do cuidado dos filhos, do marido e de outros familiares, as mulheres foram encarregadas de auxiliar nas atividades escolares e buscar materiais nas escolas.

É interessante notar que Jitirana enfatiza que não sofreu com a sobrecarga de trabalhos domésticos e de cuidados porque é divorciada. Essa observação estabelece uma conexão entre o casamento e a presença de um homem em casa, ressaltando como a divisão sexual do trabalho no campo é construída dentro de uma hierarquia familiar, onde as mulheres casadas parecem incapazes de se libertar dos papéis impostos pelo patriarcado. Essa hierarquia que impõe a divisão sexual do trabalho tem início desde a infância, quando as meninas são designadas para realizar tarefas domésticas, muitas vezes por meio da violência.

Sálvia, por exemplo, tinha dois irmãos, mas desde os nove anos era a única responsável pelas tarefas domésticas e pela preparação das refeições para os trabalhadores do seu pai:

Eu comecei a cozinhar pros trabalhador com nove anos de idade. Cozinhas pros trabalhador da minha mãe e do meu pai. Ali eu ia...

Fazia a alimentação dos trabalhador, eu já ia almoçando e já tava pronta pra ir pra escola. Eu fazia aquela pilha de louça, deixava ali e ia pra escola. Quando eu chegava, eu lavava.

[...]

Aí meu pai tava limpando um barreiro ali... Limpando um barreiro, aí ele mandou eu buscar água pros trabalhador. Que ele tava conversando. E eu esqueci da água. Aí meu pai foi e falou assim “por que você esqueceu de trazer a água?”. Eu falei “ah, seu fulano tava lá conversando e o senhor sabe que eu sou curiosa e eu esqueci”. Aí eu tinha um cabelão grande, ele enrolou a mão no meu cabelo e bateu duas vezes assim na parede no barreiro [faz gesto de bater a cabeça]. Aí eu fiquei chorando.

[...]

Eu cozinhava pros trabalhador desde jovem e ele não gostava só de uma mistura na mesa. Tinha que ser duas ou três. Aí nesse dia tinha bastante trabalhador, aí ele tinha colocado pra mim fazer carne de gado, carne de porco e peixe. E eu tinha que fazer tudo aquilo até o horário de eu ir pra escola. Aí os trabalhador chega da roça mais cedo e eu esqueci de fritar o peixe. Pus a comida na mesa, fui me arrumar pra ir pra escola, daqui a pouco ele olhou pra mim e falou “Sálvia, não tá faltando nada na mesa não?”. Eu fui na mesa grandona, olhei e falei “não”. A mesa cheia de comida, toda posta de comida. Aí eu falei “não, pai, tá cheio de comida aí”. Aí ele foi e falou “e o peixe?”. Eu falei “ah, pai, mas tem comida”. Aí os trabalhador falando “não, tem muita comida, não precisa do peixe”. Aí ele falou “não, ela vai fazer o peixe porque da próxima vez ela não esquece”. E eu não fui pra escola porque eu fui fritar o peixe. Os trabalhador não comeu, mas eu tive que fazer o peixe. (Sálvia, 10/12/2021).

No entanto, durante o processo de pesquisa de campo, foi possível observar uma transformação na socialização das crianças, influenciada pelo envolvimento de suas mães nos coletivos de mulheres. Os relatos obtidos são diversos e reveladores do impacto dessa participação:

Andréa: Criação de filhos. Você vê muito menino sendo criado diferente de menina?

Jitirana: Tem. Ainda tem, mas assim... Essa questão já mudou em algumas famílias aqui.

Andréa: Mas você acha que tem relação com essas mulheres?

Jitirana: Tem. Tem. Já mudou muito. Aqui...

Andréa: E já vão criando os filhos diferente?

Jitirana: E já vão criando os filhos diferente. Tem essa mudança aqui. (Jitirana, 08/12/2021).

Mulher A: Eu tenho três rapaz e uma moça. O mais velho, que ele agora já saiu de casa, mas ele lavava prato, varria a casa, passava pano, fazia tudo o meu mais velho. E a filha também. [...] Já o outro rapaz, “menino, faz isso e isso”, “não, mãe”. “Vai fazer, que não vai cair aquele negócio não”. (Primavera, 11/10/2022).

Andréa: E eles fazem o quê em casa, assim, pra ajudar você?

Papoula: Dá comida a um bichinho, pega um balde d’água, né, praqui pracolá. As maior já varre a casa, assim...

Andréa: O menino também?

Papoula.: É. Ajuda também.

Andréa: Faz as coisas dentro de casa?



Papoula: É. Quando eu não posso, eles podem.

Andréa: Não tem isso de ser dividido o que é de menina e o que é de menino?

Papoula: Não. Hum Hum. Eles... Eu mandando fazer, eles faz tudo igual.

Andréa: Tudo igual.

Papoula: É. Até o menino mesmo, assim, quando as meninas vão pra escola, que num tá. Quando eu tô com a pia de vasilha pra lavar, ele mete os pés, lava. É assim, me ajuda. E tem que me ajudar.

Andréa: Desde sempre é assim?

Papoula: É. (Papoula, 08/12/2021)

Andréa: O seu neto, você acha que ele é criado assim ou não? Ainda é porque a sua filha ainda tem a mente mais fechada, como você falou?

Jitirana: Não, não, não, não. Na questão de criação, não. Ele faz tudo em casa.

Andréa: Faz tudo?

Jitirana: Faz tudo. Passa pano, lava prato, lava louça, lava pano de prato. Ajuda. Varre casa, faz tudo, viu.

Andréa: E você acha que isso é influência de quê?

Jitirana: Por conta da militância. Por conta do que eles aprenderam aqui dentro, né, isso aqui. Lava, faz tudo, viu.

Andréa: Mesmo ela sendo mais fechada, como você diz, mas a criação dela já é...

Jitirana: Mas nessa parte ela aderiu, viu.

Andréa: Já é diferente?

Jitirana: Ah, essa parte ela aderiu, viu. A Protea [a outra filha] aderiu isso, os dois fazem as coisas iguais, entendeu. Essa área aí eles aderiram, viu. [risos] Também, se não aderir, né. Isso eles aderiram. A família todinha, minha família todinha aderiu isso. (Jitirana, 08/12/2021).

Andréa: Em casa é só você quem faz tudo ou os netos e os filhos dele também ajudam?

Sálvia: Ah, os neto é muito preguiçoso com esse negócio de celular, né. [risos] Às vezes, quando a gente vai reclamando, reclamando, eles faz. Mas não é toda hora não.

Andréa: Mas pra limpar, lavar prato...

Sálvia: Lava sim. Lava. Mas também não é aquela hora, que a gente quer toda hora a pia limpa, a cozinha limpa. "Já vou, vó". [risos] [...] Mas eu peço uma vez, se não for eu não sei pedir, eu já vou lá fazer. Que é errado.

Andréa: Mas faz tanto os meninos quanto as meninas?

Sálvia: Quanto as meninas. Aqui não tem diferença. Tem o meu neto de quinze anos, se eu falar pra ele que vai fazer comida, ele vai fazer comida normal. Se for pra lavar a louça, ele vai lavar. Tudo ele vai fazer. Eu ensino assim, que homem e mulher não tem essa de machismo. Tem que fazer. [...] (Sálvia, 12/10/2022)

Alpina: Eu ponho ele [filho] pra fazer as coisas. Se um dia eu faltar, ele sabe se virar.

Andréa: Ele faz tudo dentro de casa?

Alpina: Ele faz e ele gosta.

Andréa: Ele não tem vergonha nem nada não?

Alpina: Não. Tem não. Ele varra a casa, ele quer lavar o banheiro, mas eu não deixo ainda porque ele só gasta sabão e água, não faz nada que preste. Aí eu não deixo ainda. Mas ele bota uma água

pro porco, pra galinha... Faz tudo. Me ajuda a aguar o canteiro.  
(Alpina, 12/10/2022).

Esses relatos evidenciam como a participação das mães nos coletivos de mulheres tem gerado impactos significativos na forma como as crianças são socializadas. Apesar de algumas reconhecerem as dificuldades enfrentadas pelas gerações mais antigas em desafiar as estruturas patriarcais às quais estão inseridas desde a infância, elas estão empenhadas em confrontar o patriarcado ao modificar a maneira como criam suas filhas e filhos.

Evidentemente, apenas por meio da socialização das crianças não é possível dismantelar completamente as estruturas patriarcais. No entanto, é por meio das experiências concretas nas relações com os homens que essas mulheres esperam promover mudanças que podem representar a vida ou a morte das suas. Conforme enfatizado por Saffioti (2015, p. 100), “se todos são socializados para ser machistas, não poderá esta sociedade mudar, caminhando para a democracia plena? Este processo é lento e gradual e consiste na luta feminista”.

Segundo Riot-Sarcey (2009), a classe dominante busca eliminar os vestígios de contestação ao seu poder, o que muitas vezes resulta na invisibilidade das formas de resistência. No entanto, o poder é um elemento constitutivo da sociedade e sua existência não pode ser concebida sem a presença de resistência. Portanto, “o fato de o patriarcado ser um pacto entre os homens não significa que a ele as mulheres não oponham resistência. [...] sempre que há relações de dominação-exploração, há resistência, há luta, há conflitos” (SAFFIOTI, 2015, p. 139).

A participação das mulheres nos coletivos feministas tem gerado mudanças em seus comportamentos e até mesmo em suas relações familiares<sup>4</sup>. Em várias entrevistas, observamos o rompimento com a submissão ao marido e alterações nas relações desiguais de divisão do trabalho doméstico. Durante a roda de conversa em Primavera, foi realizado um debate sobre a divisão sexual do trabalho. A seguir, apresentamos um trecho da conversa:

---

<sup>4</sup> Observação participante e registros em diário de campo.

Andréa: Ainda tem muito disso da mulher ter que servir o marido, colocar prato?

Todas: Tem! [risos]

[vozes superpostas]

Mulher H: Nem eu boto a dele e nem ele bota a minha.

Mulher B: Mas aí você acostudou de quando casou. [...] Agora imagine eu, com um casamento de vinte anos e agora vai querer mudar. Aí ele vai dizer “fia da peste, você arrumou outro”.

Mulher F: Eu botava a comida do meu, mas eu deixei e agora é ele que bota.

Andréa: E foi? Tu deixou?

Mulher F: Deixei.

Andréa: E ele disse nada?

Mulher F: Não. No começo ele reclamou, mas acostudou já. Ele mesmo bota a comida dele.

Andréa: E por que foi que você deixou de botar?

Mulher F: Porque eu acho que é muita folga. A pessoa já cuida da comida e você ainda só comer se você botar no prato?

[risos]

Mulher B: Ô, mulher, mas também o cara tá lá o dia todinho, o cara [a mulher] tá em casa, né. Aí, quando chega “mulher, bote aí o de comer”, aí o cara [a mulher] vai lá e bota. Eu boto.

Andréa: Mas você não trabalha o dia todinho também?

Mulher B: Mas o negócio é esse... A mulher sempre tem mais uma folguinha do que o homem.

Jitirana: Agora tenha.

[vozes superpostas discordando]

Mulher K: Ele é igual a uma mulher. Ele faz tudo tudo dentro de casa que uma mulher faz.

Mulher F: O meu não faz não.

Mulher K: Aí, às vezes, eu boto.

Andréa: Mas você não cuida da casa sozinha, né?

Mulher K: Não. Ele faz tudo dentro de casa. Ele me ajuda e muito.

Andréa: Mas deixa eu perguntar... Por que que vocês falam que eles “ajudam”?

Mulher K: Eles têm que ajudar, né... É obrigação. Na cabeça deles, eles não tem obrigação.

Mulher F: O meu diz assim “eu vou ajudar hoje, mas não acostume não”.

Jitirana: Tem uma moça que casou com um rapaz que a mãe, ele ia jogar bola e, quando chegava em casa, a mãe levava a jantinha. Ele ia trabalhar, buscar palma pro gado, o que for, chegava em casa, tomava banho na hora do almoço, deitava no sofá, a mãe leva o almoço. E aí a menina casou com esse rapaz.

Mulher K: Ih, coitada.

Jitirana: Aí esse rapaz chegou em casa, no primeiro dia... Foi trabalhar, tal, quando chegou em casa, se jogou no sofá. E ela botou a comida dela e ficou lá na mesa comendo. “Não vem não comer?” e ele lá esperando. Daí a pouco, ele foi pra casa da mãe. Ele não disse nada e foi pra casa da mãe. Chegou na casa da mãe, se jogou no sofá, a mãe “meu fio quer comer?”, botou comida, comeu. Aí quando chegou em casa disse “eu fui comer na casa de mamãe, você não botou comida”. Aí ela falou assim “pois você vai comer na casa da sua mãe todo dia porque a comida tá feita”, disse igual a você. “Eu faço a comida, vou mais você tirar cova, eu faço tudo, quando você chega vai deitar no sofá e eu vou fazer a comida, aí você ainda quer que eu bote no prato? Pois sua mãe lhe acostudou mal acostumado. Comigo é diferente. Você casou com uma mulher pra fazer tudo, menos lhe dar comida na boca. Você quer comer? Pois você vai todo dia pra casa da sua mãe”.

Mulher K: Agora aí foi a mãe que mimou demais. Tem mãe que mima demais.  
Jitirana: Hoje ele faz arroz, faz feijão, faz ovo, faz tudo.  
Andréa: Aprendeu?  
Jitirana: Aprendeu. No primeiro dia do casamento.  
Mulher K: Eu cozinho o feijão, né. Mas o arroz é ele que faz, a carne ele assa. Mas ele não fazia não.  
[inaudível]  
Andréa: Ah, o marido dela [mulher K] é seu irmão?  
Mulher O: É.  
Andréa: E ele foi criado assim, fazendo tudo dentro de casa?  
Mulher O: [inaudível] nunca gostou.  
Mulher K: Ele nunca gostou de bagunça.  
Andréa: Então já foi a criação dele? Ele já foi acostumado?  
Mulher O: Ele já amanhece o dia com a vassoura. [risos] Varrendo a casa. (Primavera, 11/10/2022).

Embora não seja possível transcrever todas as falas dessa conversa devido à quantidade de histórias e vozes compartilhando experiências simultaneamente, é perceptível que as mulheres estão conscientes de que os homens, ao realizar tarefas domésticas, não estão apenas "ajudando", mas sim cumprindo sua responsabilidade. Os relatos revelam que as mulheres passaram a enxergar a tripla jornada como algo injusto e impuseram uma nova forma de organização social dentro de suas casas. A divisão sexual do trabalho, que categoriza o trabalho dos homens como "pesado" e o das mulheres como "leve", está sendo gradualmente enfrentada e uma parte dessa mudança está relacionada à socialização das crianças.

Por fim, consideramos que a *práxis* das mulheres de Primavera está alinhada ao feminismo comunitário, que rejeita a ideia de que a igualdade entre homens e mulheres se resume a mulheres ocupando os espaços tradicionalmente construídos pelos homens. De acordo com essa corrente feminista, a luta pelo feminismo deve englobar a busca por novas possibilidades e alternativas para a sociedade. Essa construção de um novo mundo passa pela visão da comunidade como uma forma de vida essencial para a humanidade, ancorada nos princípios de conexão com a natureza, auto-organização e autodeterminação (ARROYO, 2019).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Segundo Kergoat (2014), a construção de uma política emancipatória demanda ir além da análise do sistema dominante e suas

formas de dominação. É necessário, portanto, examinar as formas de resistência que surgem diante dessa dominação.

Uma das estratégias adotadas pelas mulheres rurais para enfrentar a dominação patriarcal foi a organização em coletivos autônomos. A formação desses grupos permitiu o desenvolvimento de uma consciência crítica em relação à questão sexual, de classe e de raça, levando as mulheres a questionarem o modelo de família patriarcal imposto em suas comunidades. Por meio do acesso a informações, debates sobre diversas formas de violência, divisão sexual do trabalho e o estudo do feminismo, as mulheres encontraram motivação para buscar mudanças. Ao tomar consciência da opressão patriarcal presente em suas vidas, elas passaram a buscar formas de resistência dentro de seus grupos, lares e famílias.

Foi observado que a consciência adquirida por meio da organização coletiva tem causado transformações nas relações intrafamiliares, impactando não apenas o relacionamento das mulheres com seus maridos, mas também, e principalmente, com seus filhos e filhas. A socialização das crianças para a igualdade entre homens e mulheres mostrou-se uma ferramenta poderosa de mudança nas comunidades, especialmente aquelas em que os coletivos já estão na segunda geração de mulheres. Percebe-se que as jovens, educadas por mães envolvidas nos coletivos, conseguem estabelecer uma dinâmica diferenciada em seus relacionamentos, opondo uma resistência às manifestações patriarcais ao afrontar diretamente seus parceiros e os costumes locais.

É importante destacar que a resistência dessas mulheres não ocorre isoladamente, mas está conectada a movimentos feministas mais amplos, nos quais encontram apoio e inspiração. Mediante o compartilhamento de experiências e do fortalecimento coletivo, elas encontram coragem para desafiar as estruturas patriarcais e buscar a transformação de suas vidas e comunidades.

## **REFERÊNCIAS**

AGUIAR, Vilenia Venancio Porto. Mulheres rurais, movimento social e participação: reflexões a partir da Marcha das Margaridas. **Política e**

**Sociedade**, Florianópolis, v. 15, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2016v15nesp1p261>. Acesso em: 05 jun. 2023.

ALBUQUERQUE, Andréa Maria Leite. “**Medindo forças na enxada, no machado, na foice**”: patriarcado e resistência das mulheres rurais organizadas à violência no Alto Sertão alagoano. 2023. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Maceió, 2023.

ARROYO, Adriana Guzmán. **Descolonizar la Memoria, Descolonizar los Feminismos**. La Paz: Feminismo Comunitario Antipatriarcal y Mujuta Tarpuna, 2019.

OEA (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura). Comisión Interamericana de Mujeres (CIM). **COVID-19 en la vida de las mujeres**: razones para reconocer los impactos diferenciados. OEA, 2020.

ESMERALDO, Gema Galgani Silveira Leite. O protagonismo político de mulheres rurais por seu reconhecimento econômico e social. *In*: NEVES, Delma Pesanha; MEDEIROS, Leonilde Servolo (Orgs.). **Mulheres camponesas**: trabalho produtivo e engajamentos políticos. Niterói: Alternativa, 2013. p. 237-256.

FBSP. **Visível e Invisível**: A Vitimização de Mulheres no Brasil. 3. ed. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/06/relatorio-visivel-e-invisivel-3ed-2021-v3.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2023.

FUNARI, Juliana Nascimento *et al.* Uso do tempo e as mulheres rurais: a construção de outras metodologias a fim de propiciar a visibilidade e valorização dos trabalhos das mulheres. **Anais do III Colóquio Internacional Feminismo e Agroecologia**, Recife, v. 15, n. 3, abr. 2019. Disponível em: <http://cadernos.aba-agroecologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/6366>. Acesso em: 05 jun. 2023.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**: Ensaios, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

HERRERA, Karolyna Marin. Da Invisibilidade ao Reconhecimento: mulheres rurais, trabalho produtivo, doméstico e de care. **Política e Sociedade**, Florianópolis, v. 15, p. 208-233, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2016v15nesp1p208/33802>. Acesso em: 05 jun. 2023.

KERGOAT, Danièle. A Relação Social de Sexo. Da Reprodução das Relações Sociais à sua Subversão. **Pro-Posições**, Campinas, v. 13, n. 1, 2002. Disponível em: <https://fe-old.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2125/37->

dossie-kergoatd.pdf. Acesso em: 05 jun. 2023.

KERGOAT, Danièle. Compreender as lutas das mulheres por sua emancipação pessoal e coletiva. *In*: MORENO, Renata (Org.). **Feminismo, economia e política**: debates para a construção da igualdade e autonomia das mulheres. São Paulo: SOF Sempre Viva Organização Feminista, 2014. p. 11-21.

MUYLAERT, Camila Junqueira *et al.* Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 48, p. 184-189, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/NyXVhmXbg96xZNPWt9vQYct/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 05 jun. 2023.

RIOT-SARCEY, Michèle. Poder(es). *In*: HIRATA, Helena *et al* (Orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009. p. 183-187.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani; FERRANTE, Vera Lúcia. Da casa para a rua: a caminhada das mulheres boias-frias. **Perspectivas**, São Paulo, v. 9/10, 1986/1987. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/108272>. Acesso em 05 jun. 2023.

SALDAÑA, Johnny. **Fundamentals of qualitative research**. New York: Orford, 2011.

SALDAÑA, Johnny; OMASTA, Matt. **Qualitative research: analyzing life**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2018.

SCOTT, Parry; RODRIGUES, Ana Cláudia; SARAIVA, Jeíza das Chagas. Onde mal se ouvem os gritos de socorro: notas sobre a violência contra a mulher em contextos rurais. *In*: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (Orgs.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010. p. 63-93.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Mulheres trabalhadoras rurais: trajetórias e memórias. **RURIS (Campinas, Online)**, Campinas, v. 4, n. 2, set. 2012. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ruris/article/view/16841>. Acesso em: 05 jun. 2023.